

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

DEZEMBRO DE 1869

Nº 12

Os Desertores

(*OBRAS PÓSTUMAS*)

Se é certo que todas as grandes idéias contam apóstolos fervorosos e dedicados, não menos certo é que mesmo as melhores dentre elas têm seus desertores. O Espiritismo não podia escapar aos efeitos da fraqueza humana. Ele também teve os seus e a esse respeito não serão inúteis algumas observações.

Nos primeiros tempos, muitos se equivocaram sobre a natureza e os fins do Espiritismo e não lhe perceberam o alcance. Antes de tudo mais, excitou a curiosidade; muitos eram os que não viam nas manifestações espíritas mais do que simples objeto de diversão; divertiram-se com os Espíritos, enquanto estes quiseram diverti-los. Constituíam um passatempo, muitas vezes um acessório dos saraus.

Esta maneira por que a princípio a coisa se apresentou foi uma tática hábil dos Espíritos. Sob a forma de divertimento, a idéia penetrou por toda parte e semeou germens, sem espavorir as

consciências timoratas. Brincaram com a criança, mas a criança tinha de crescer.

Quando aos Espíritos facetos sucederam os Espíritos sérios, moralizadores; quando o Espiritismo se tornou ciência, filosofia, as pessoas superficiais deixaram de achá-lo divertido; para os que se preocupam sobretudo com a vida material, era um censor importuno e embaraçoso, pelo que não poucos o puseram de lado. Não há que deplorar a existência desses desertores, porquanto as criaturas frívolas não passam de pobres auxiliares, seja no que for. Todavia, essa primeira fase não se pode considerar tempo perdido. Graças àquele disfarce, a idéia se popularizou cem vezes mais do que se houvera, desde o primeiro momento, revestido severa forma, e daqueles meios levianos e displicentes saíram graves pensadores.

Postos em moda pelo atrativo da curiosidade, constituindo um engodo, os fenômenos tentaram a cupidez dos que andam à cata do que surge como novidade, na esperança de encontrar aí uma porta aberta. As manifestações pareceram coisa maravilhosamente explorável e não faltou quem pensasse em fazer delas um auxiliar de seus negócios; para outros, eram uma variante da arte da adivinhação, um processo, talvez mais seguro do que a cartomancia, a quiromancia, a borra de café, etc., etc., para se conhecer o futuro e descobrir coisas ocultas, uma vez que, segundo a opinião então corrente, os Espíritos tudo sabiam.

Vendo, afinal, essas pessoas que a especulação lhes escapava dentre os dedos e dava em mistificação, que os Espíritos não vinham ajudá-las a enriquecer, nem lhes indicar números que seriam premiados nas loterias, ou revelar-lhes a boa sorte, ou levá-las a descobrir tesouros, ou a receber heranças, nem ainda facultar-lhes uma invenção frutuosa de que tirassem patente, suprir-lhes em suma a ignorância e dispensá-las do trabalho intelectual e material, os Espíritos para nada serviam e suas manifestações não passavam

de ilusões. Tanto essas pessoas deferiram louvores ao Espiritismo, durante todo o tempo em que esperaram auferir dele algum proveito, quanto o denegriram desde que chegou a decepção. Mais de um dos críticos que o vituperam tê-lo-iam elevado às nuvens, se ele houvesse feito que descobrissem um tio rico na América, ou que ganhassem na Bolsa. Das categorias dos desertores, é essa a mais numerosa; mas, compreende-se que os que a formam não podem ser qualificados de espíritas.

Também essa fase apresentou sua utilidade. Mostrando o que não se devia esperar do concurso dos Espíritos, ela deu a conhecer o objetivo sério do Espiritismo e depurou a doutrina. Sabem os Espíritos que as lições da experiência são as mais proveitosas; se, logo de começo, eles dissessem: Não peçais isto ou aquilo, porque nada conseguireis, ninguém mais lhes daria crédito. Essa a razão por que deixaram que as coisas tomassem o rumo que tomaram: foi para que da observação ressaltasse a verdade. As decepções desanimaram os exploradores e contribuíram para que o número deles diminuísse. Eram parasitos de que elas, as decepções, livraram o Espiritismo, e não adeptos sinceros.

Alguns indivíduos, mais perspicazes do que outros, entreviram o homem na criança que acabava de nascer e temeram-na, como Herodes temeu o menino Jesus. Não se atrevendo a atacar de frente o Espiritismo, esses indivíduos incitaram agentes com o encargo de o abraçarem para asfixiá-lo; agentes que se mascaram para em toda parte se intrometerem, para suscitem habilmente a desafeição nos centros e espalharem, dentro destes, com furtiva mão, o veneno da calúnia, acendendo, ao mesmo tempo, o facho da discórdia, inspirando atos comprometedores, tentando desencaminhar a doutrina, a fim de torná-la ridícula ou odiosa e simular em seguida defecções.

Outros ainda são mais habilidosos: pregando a união, semeiam a separação; destramente levantam questões irritantes e

ferinas; despertam o ciúme da preponderância entre os diferentes grupos; deleitar-se-iam, vendo-os apedrejar-se e erguer bandeira contra bandeira, a propósito de algumas divergências de opiniões sobre certas questões de forma ou de fundo, as mais das vezes provocadas intencionalmente. Todas as doutrinas têm tido seu Judas; o Espiritismo não poderia deixar de ter os seus e eles ainda não lhe faltaram.

Esses são espíritas de contrabando, mas que também foram de alguma utilidade: ensinaram ao verdadeiro espírita a ser prudente, circunspeto e a não se fiar nas aparências.

Por princípio, deve-se desconfiar dos entusiasmos demasiados febris: são quase sempre fogo de palha, ou simulacros, ardores ocasionais, que suprem com a abundância de palavras a falta de atos. A verdadeira convicção é calma, refletida, motivada; revela-se, como a verdadeira coragem, pelos fatos, isto é, pela firmeza, pela perseverança e, sobretudo, pela abnegação. O desinteresse moral e material é a legítima pedra de toque da sinceridade.

Tem esta um cunho *sui generis*; exterioriza-se por matizes muitas vezes mais fáceis de ser compreendidos do que definidos; é sentida por efeito dessa transmissão do pensamento, cuja lei o Espiritismo regulou, sem que a falsidade chegue nunca a simulá-la completamente, visto não lhe ser possível mudar a natureza das correntes fluídicas que projeta de si. Ela, a sinceridade, considera erro dar troco à baixa e servil lisonja, que somente seduz as almas orgulhosas, lisonja por meio da qual precisamente a falsidade se trai para com as almas elevadas.

Jamais pode o gelo imitar o calor.

Se passarmos à categoria dos espíritas propriamente ditos, ainda aí depararemos com certas fraquezas humanas, das quais a doutrina não triunfará imediatamente. As mais difíceis de

vencer-se são o egoísmo e o orgulho, as duas paixões originárias do homem. Entre os adeptos convictos, não há deserções, na lídima acepção do termo, visto como aquele que desertasse por motivo de interesse ou qualquer outro, nunca teria sido sinceramente espírita; pode, entretanto, haver desfalecimentos. Pode dar-se que a coragem e a perseverança fraqueiem diante de uma decepção, de uma ambição frustrada, de uma preeminência não alcançada, de uma ferida no amor-próprio, de uma prova difícil. Há o recuo ante o sacrifício do bem-estar, ante o receio de comprometer os interesses materiais, ante o medo do “que dirão”?; há o ser-se abatido por uma mistificação, tendo como consequência, não o afastamento, mas o esfriamento; há o querer viver para si e não para os outros, o beneficiar-se da crença, mas sob a condição de que isso nada custe.

Sem dúvida, podem os que assim procedem ser crentes, mas, sem contestação, crentes egoístas, nos quais a fé não ateou o fogo sagrado do devotamento e da abnegação; às suas almas custa o desprenderem-se da matéria. Fazem nominalmente número, porém não há contar com eles.

Todos os outros são espíritas que em verdade merecem esse qualificativo. Aceitam por si mesmos todas as consequências da doutrina e são reconhecíveis pelos esforços que empregam por melhorar-se. Sem desprezarem, além dos limites do razoável, os interesses materiais, estes são, para eles, o acessório e não o principal; não consideram a vida terrena senão como travessia mais ou menos penosa; estão certos de que do emprego útil ou inútil que lhe derem depende o futuro; têm por mesquinhos os gozos que ela proporciona, em face do objetivo esplêndido que entrevêm no além; não se intimidam com os obstáculos com que topem no caminho; vêem nas vicissitudes e decepções provas que não lhes causam desânimo, porque sabem que o repouso será o prêmio do trabalho. Daí vem que não se verificam entre eles deserções, nem falências.

Por isso mesmo, os Espíritos bons protegem manifestamente os que lutam com coragem e perseverança, aqueles cujo devotamento é sincero e sem idéias preconcebidas; ajudam-nos a vencer os obstáculos e suavizam as provas que não possam evitar-lhes, ao passo que, não menos manifestamente, abandonam os que se afastam deles e sacrificam a causa da verdade às suas ambições pessoais.

Deveremos incluir também entre os desertores do Espiritismo os que se retiram porque a nossa maneira de ver não lhes satisfaz; os que, por acharem muito lento ou muito rápido o nosso método, pretendem alcançar mais depressa e em melhores condições a meta a que visamos? Certamente que não, se têm por guia a sinceridade e o desejo de propagar a verdade. – Sim, se seus esforços tendem unicamente a se porem eles em evidência e a chamar sobre si a atenção pública, para satisfação do amor-próprio e de interesses pessoais!...

Tendes um modo de ver diferente do nosso, não simpatizais com os princípios que admitimos! Nada prova que estais mais próximos da verdade do que nós. Pode-se divergir de opinião em matéria de ciência; investigai do vosso lado, como nós investigamos do nosso; o futuro dará a ver qual de nós está em erro ou com a razão. Não pretendemos ser os únicos a reunir as condições fora das quais não são possíveis estudos sérios e úteis; o que temos feito podem outros, sem dúvida, fazer. Que os homens inteligentes se agreguem a nós, ou se congreguem longe de nós, pouco importa!... Se os centros de estudos se multiplicarem, tanto melhor; será um sinal de incontestável progresso, que aplaudiremos com todas as nossas forças.

Quanto às rivalidades, às tentativas que façam por nos suplantarem, temos um meio infalível de não as temer. Trabalhamos para compreender, por enriquecer a nossa inteligência e o nosso coração; lutamos com os outros, mas lutamos com

caridade e abnegação. O amor do próximo inscrito em nosso estandarte é a nossa divisa; a pesquisa da verdade, venha donde vier, o nosso único objetivo. Com tais sentimentos, enfrentamos a zombaria dos nossos adversários e as tentativas dos nossos competidores. Se nos enganarmos, não teremos o tolo amor-próprio que nos leve a obstinar-nos em idéias falsas; há, porém, princípios acerca dos quais podemos todos estar seguros de não nos enganarmos nunca: o amor do bem, a abnegação, a proscricção de todo sentimento de inveja e de ciúme. Estes princípios são os nossos; vemos neles os laços que prenderão todos os homens de bem, qualquer que seja a divergência de suas opiniões. Somente o egoísmo e a má-fé erguem entre eles barreiras intransponíveis.

Mas, qual será a conseqüência de semelhante estado de coisas? Indubitavelmente, o proceder dos falsos irmãos poderá de momento acarretar algumas perturbações parciais, pelo que todos os esforços devem ser empregados para levá-las, ao malogro, tanto quanto possível; essas perturbações, porém, pouco tempo necessariamente durarão e não poderão ser prejudiciais ao futuro: primeiro, porque são simples manobras de oposição, fadadas a cair pela força mesma das coisas; depois, digam o que disserem, ou façam o que fizerem, ninguém seria capaz de privar a doutrina do seu caráter distintivo, da sua filosofia racional e lógica, da sua moral consoladora e regeneradora. Hoje, estão lançadas de forma inabalável as bases do Espiritismo; os livros escritos sem equívoco e postos ao alcance de todas as inteligências serão sempre a expressão clara e exata do ensino dos Espíritos e o transmitirão intacto aos que nos sucederem.

Insta não perder de vista que estamos num momento de transição e que nenhuma transição se opera sem conflito. Ninguém, pois, deve espantar-se de que certas paixões se agitem, por efeito de ambições malogradas, de interesses feridos, de pretensões frustradas. Pouco a pouco, porém, tudo se extingue, a febre se abranda, os homens passam e as novas idéias permanecem.

Espíritas, se quereis ser invencíveis, sede benévolos e caridosos; o bem é uma couraça contra a qual sempre se quebrarão as manobras da malevolência!...

Nada, pois, temamos: o futuro nos pertence. Deixemos que os nossos adversários se debatam, apertados pela verdade que os ofusca; qualquer oposição é impotente contra a evidência, que inevitavelmente triunfa pela força mesma das coisas. É uma questão de tempo a vulgarização universal do Espiritismo e neste século o tempo marcha a passo de gigante, sob a impulsão do progresso.

Allan Kardec

Observação – Como complemento deste artigo, publicamos uma instrução que sobre o mesmo assunto Allan Kardec deu, logo que voltou ao mundo dos Espíritos. Parece-nos interessante, para os nossos leitores, juntar às páginas eloqüentes e viris que se acabam de ler a opinião atual do organizador por excelência da nossa filosofia.

(Paris, novembro de 1869)

Quando eu me achava corporalmente entre vós, disse muitas vezes que havia de fazer aí uma história do Espiritismo, que não seria destituída de interesse. É este, ainda agora, o meu parecer e os elementos que eu reunira para esse fim poderão servir um dia à realização da minha idéia. É que eu, com efeito, me encontrava mais bem colocado do que qualquer outro para apreciar o curioso espetáculo que a descoberta e a vulgarização de uma grande verdade provocara. Pressentia outrora, hoje sei, que ordem maravilhosa e que harmonia inconcebível presidem à concentração de todos os documentos destinados a dar nascimento à nova obra. A benevolência, a boa vontade, o devotamento absoluto de uns; a

má-fé, a hipocrisia, as maldosas manobras de outros, tudo concorre para garantir a estabilidade do edifício que se eleva. Nas mãos das potestades superiores, que presidem a todos os progressos, as resistências inconscientes ou simuladas, os ataques visando semear o descrédito e o ridículo, se tornam elementos de elaboração.

Que não têm feito! Que é o que não têm posto em ação para asfixiar no berço a criança!

A princípio o charlatanismo e a superstição quiseram, ora um, ora outra, apoderar-se dos nossos princípios, a fim de os explorarem em proveito próprio; todos os raios da imprensa se projetaram contra nós; chasquearam das coisas mais respeitáveis; atribuíram aos Espíritos do mal os ensinamentos dos Espíritos mais dignos da admiração e da veneração universais; entretanto, todos esses esforços conjugados mais não conseguiram, senão proclamar a impotência dos nossos adversários.

É dentro dessa luta incessante contra os preconceitos firmados, contra erros acreditados, que se aprende a conhecer os homens. Eu sabia, ao consagrar-me à obra de minha predileção, que me expunha ao ódio, à inveja e ao ciúme dos outros. O caminho se achava inçado de dificuldades que de contínuo se renovavam. Nada podendo contra a doutrina, atiravam-se ao homem; mas, por esse lado, eu me sentia forte, porque renunciara à minha personalidade. Que me importavam os esforços da calúnia; a minha consciência e a grandeza do objetivo me faziam esquecer de boa vontade as urzes e os espinhos da estrada. Os testemunhos de simpatia e de estima, que recebi dos que me souberam apreciar, constituíram a mais estimável recompensa que eu jamais ambicionara. Mas, ah! quantas vezes teria sucumbido ao peso da minha tarefa, se a afeição e o reconhecimento de muitos não me houvessem feito olvidar a ingratidão e a injustiça de alguns, porquanto, se os ataques contra mim dirigidos sempre me encontraram insensível, penosamente magoado me sentia, devo

dizê-lo, todas as vezes que descobria falsos amigos entre aqueles com quem mais contava.

Se é justo censurar os que hão tentado explorar o Espiritismo ou desnaturá-lo em seus escritos, sem o terem previamente estudado, quão mais culpados não são os que, depois de lhe haverem assimilado todos os princípios, não contentes de se lhe apartarem do seio, contra ele voltaram todos os seus esforços! É, sobretudo, para os desertores dessa categoria que devemos implorar a misericórdia divina, pois que apagaram voluntariamente o facho que os iluminava e com o qual podiam esclarecer os outros. Eles, por isso, logo perdem a proteção dos Espíritos bons e, conforme a triste experiência que temos feito, bem depressa chegam, de queda em queda, às mais críticas situações!

Desde que voltei para o mundo dos Espíritos, tornei a ver alguns desses infelizes! Arrependem-se agora; lamentam a inação em que ficaram e a má vontade de que deram prova, sem lograrem, todavia, recuperar o tempo perdido!... Tornarão em breve à Terra, com o firme propósito de concorrerem ativamente para o progresso e se verão ainda em luta com as tendências antigas, até que triunfem definitivamente.

Fora de crer que os espíritas de hoje, esclarecidos por esses exemplos, evitariam cair nos mesmos erros. Assim, porém, não é. Ainda por longo tempo haverá irmãos falsos e amigos desassisados; mas, tal como seus irmãos mais velhos, não conseguirão que o Espiritismo saia da sua diretriz. Embora causem algumas perturbações momentâneas e puramente locais, nem por isso a doutrina periclitará. Ao contrário, os espíritas transviados bem depressa reconhecerão o erro em que incidiram e virão colaborar com maior ardor na obra por um instante abandonada e, atuando de acordo com os Espíritos superiores que dirigem as transformações humanitárias, caminharão a passo rápido para os ditos tempos prometidos à Humanidade regenerada.

Allan Kardec

A Vida Universal⁵⁵

I

NO INFINITO E NA ETERNIDADE⁵⁶

(Camille Flammarion)

Todas as religiões que se sucederam na história da Humanidade, desde a teogonia dos arianos, que parece datar de quinze mil anos e nos oferece o tipo mais antigo, até o babismo da Ásia, surgido neste século e que, não obstante, não conta muitos sectários; desde as teologias mais vastas e consolidadas que, como o budismo na Ásia, o Cristianismo na Europa e o Islamismo na África, dominaram regiões imensas, durante longos séculos, até os sistemas isolados e frustrados que, como a igreja francesa do abade Chatel, ou a religião fusionista de Toureil, ou o templo positivista de Auguste Comte, não viveram mais que o espaço de uma manhã; – todas as religiões, digo, não tiveram por objetivo senão *o conhecimento da vida eterna*.

Entretanto, até hoje nenhuma soube nos dizer o que é a vida eterna; nenhuma nos soube ensinar sequer o que seja a vida atual, em que difere ou em que se liga à vida eterna; o que é a Terra onde vivemos; o que é o céu, para o qual se voltam todos os olhares ansiosos, para pedir o segredo do grande problema.

A incapacidade de todas as religiões, antigas e modernas, de nos explicar o sistema do mundo moral, levou a filosofia, acabrunhada pelo silêncio e pelas ficções, a formar em seu seio uma escola de cépticos, que não só duvidaram da existência do mundo moral, mas chegaram ao cúmulo de negar a presença de Deus na Natureza e a imortalidade das almas intelectuais.

55 N. do T.: No original consta a expressão *Vida Eterna*, embora no sumário inserido no final do volume apareça *Vida Universal*. Optamos por esta última, por expressar melhor aquilo que é discutido no texto.

56 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 533.

Nossa filosofia espiritualista das ciências, fundada sobre a síntese das ciências positivas e especialmente sobre as conseqüências metafísicas da Astronomia moderna, é mais sólida do que todas as religiões antigas, mais bela do que todos os sistemas filosóficos, mais fecunda do que todas as doutrinas, crenças e opiniões emitidas até agora pelo espírito humano. Nascida no silêncio do estudo, nossa doutrina cresce na sombra e se vai aperfeiçoando incessantemente por uma interpretação cada vez mais desenvolvida do conhecimento do Universo. Sobreviverá aos sistemas teológicos e psicológicos do passado, porque é a própria Natureza que observamos, sem idéias preconcebidas, sem especulação e sem medo.

Quando em meio a uma noite profunda e silenciosa nossa alma solitária se eleva para esses mundos longínquos que brilham acima de nossas cabeças, instintivamente procuramos interpretar os raios que nos chegam das estrelas, porque sentimos que esses raios são outros tantos laços fluídicos, ligando os astros entre si na imensa rede da solidariedade. Agora que as estrelas já não são para nós cravos de ouro fixadas na abóbada celeste; agora que sabemos que essas estrelas são outros tantos sóis análogos ao nosso, centros de sistemas planetários variados e disseminados a incríveis distâncias através do infinito dos espaços; agora que a noite não é mais para nós um fenômeno que se estende ao Universo inteiro, mas simplesmente uma sombra passageira situada por detrás do globo terrestre relativamente ao Sol, sombra que se estende a uma certa distância, mas não até às estrelas, e que atravessamos todos os dias durante algumas horas por força da rotação diurna do globo; – aplicamos esses conhecimentos físicos à explicação filosófica de nossa situação no Universo, e constatamos que habitamos a superfície de um planeta que, longe de ser o centro e a base da Criação, não passa de uma ilha flutuante do grande arquipélago, arrastado, ao mesmo tempo que miríades de outros análogos, pelas forças diretivas do Universo, não tendo sido marcado pelo Criador com nenhum privilégio especial.

Sentirmo-nos arrastados no espaço é uma condição útil à compreensão exata do nosso lugar relativo no mundo; mas, fisicamente não temos e nem podemos ter essa sensação, pois que estamos fixados à Terra por sua atração e participamos integralmente de todos os seus movimentos. A atmosfera, as nuvens, todos os objetos móveis ou imóveis que pertencem à Terra são por ela arrastados, a ela ligados e, por conseguinte, relativamente imóveis. Seja qual for a altura a que nos elevemos na atmosfera, jamais chegaremos a nos colocar fora da atração terrestre e a nos isolar de seu movimento para o constatar. A própria Lua, a 96.000 léguas daqui, é arrastada no espaço pela translação da Terra. Não podemos, pois, sentir o movimento do nosso planeta senão pelo pensamento. Ser-nos-ia possível chegar a essa curiosa sensação? Tentemos.

Para começar, imaginemos que o globo sobre o qual nos encontramos avance no vazio à razão de 660.000 léguas por dia, ou 27.500 léguas por hora! 30.550 metros por segundo: é uma velocidade mais de cinqüenta vezes mais rápida que a de uma bala de canhão (550 metros). Por certo não podemos simbolizar exatamente essa rapidez inaudita, mas dela podemos formar uma idéia, representando uma linha de 458 léguas de extensão e imaginando que o globo terrestre a percorra num minuto. Perpetuamente, sem parar, sem trégua, a Terra *voa* assim. Supondonos colocados no espaço, ao lado de seu caminho, na expectativa de vê-la passar diante de nós como um trem expresso, nós a veríamos chegar de longe sob a forma de uma estrela brilhante. Quando não estivesse a mais do que 600 ou 700.000 léguas de nós, isto é, vinte e quatro horas antes de chegar, pareceria maior do que qualquer estrela conhecida, menor do que nos parece a Lua: como uma grande bólide, semelhante às que por vezes atravessam o espaço. Quatro horas antes de sua chegada, parece cerca de quatorze vezes mais volumosa que a Lua e, continuando a inflar-se desmesuradamente, logo ocupará um quarto do céu. Já distinguimos em sua superfície os continentes e os mares, os pólos

carregados de neve, as faixas de nuvens tropicais, a Europa com as bordas recortadas... e talvez distingamos um pequeno lugar esverdeado, que não passa da milésima parte da superfície inteira do globo e que se chama França... Já notamos seu movimento de rotação sobre o seu eixo... mas, aumentando, aumentando sempre, de repente o globo se desdobra como uma sombra gigantesca sobre o céu inteiro, levando seis minutos e meio para passar, o que talvez nos permita ouvir os gritos dos animais selvagens nas florestas equatoriais e o canhão dos povos humanos, para, em seguida, afastando-se com majestade nas profundezas do espaço, mergulhar no vazio e encolher-se na imensidade sem fim, não deixando outro traço de sua passagem, senão um misto de espanto e de terror em nosso olhar apavorado.

É nesta bola colossal de 3.000 léguas de diâmetro e 5.875 sextilhões de toneladas de peso, que estamos disseminados, pequenos seres imperceptíveis, arrastados com uma energia indescritível por seus diversos movimentos de translação, de rotação, de oscilação, e por suas inclinações alternativas, mais ou menos como os grãos de poeira aderem a uma bala de canhão lançada no espaço. Conhecer e sentir esta marcha da Terra é possuir uma das primeiras e mais importantes condições do saber cosmográfico.

Assim voa a Terra no céu. A descrição desse movimento pode parecer puramente do domínio da Astronomia. Logo constataremos que a filosofia religiosa é altamente interessada nesses fatos e que, na realidade, o conhecimento do universo físico dá as bases da religião do futuro. Continuemos o exame científico do nosso planeta.

Como qualquer edifício, as teologias não podem ser construídas no vazio. Têm como arcabouço o antigo sistema do mundo, que supunha a Terra imóvel no centro do Universo. Ao demonstrar a fatuidade da ilusão antiga, a Astronomia moderna demonstra a presunção das teologias fundadas sobre ela.

Este planeta é povoado por um número considerável de espécies vivas, classificadas em duas grandes divisões naturais: o reino vegetal e o reino animal. Cada um desses seres difere das coisas puramente materiais, dos objetos inanimados, em virtude de ser formado por uma unidade anímica que rege o seu organismo. Que se considere uma planta, um animal ou um homem, constata-se que o que constitui a vida é um princípio especial, dotado da faculdade de agir sobre a matéria, de formar um ser determinado, uma roseira, por exemplo, um carvalho, um lagarto, um cão, um homem; de fabricar órgãos como uma folha, um pistilo, um estame, uma asa, um olho, – princípio especial cujo caráter distintivo é ser pessoal.

Para nos atermos à raça humana, que há mais de cem séculos estabeleceu o reino da inteligência neste planeta, notamos que atualmente ela se compõe de 1.200.000.000 indivíduos, que em média vivem 34 anos. Na Europa, a duração média da vida, que no último século aumentou 9% com o progresso e o bem-estar, é hoje de 38 anos. Mas ainda há na Terra raças atrasadas, menos afastadas da barbárie primitiva, miseráveis e fracas, cuja vida média não ultrapassa 28 anos. Em cifras redondas, morrem por ano 32 milhões de indivíduos humanos, 80.000 por dia ou mais ou menos 1 por segundo. Nascem 33 milhões por ano, ou pouco mais de 1 por segundo. Cada batimento de nossos corações, correspondendo mais ou menos ao número de oscilações do pêndulo do relógio, marca aproximadamente o nascimento e a morte de um ser na Terra.

Tudo correndo no espaço com a rapidez que reconhecemos acima, a Terra vê a sua população humana renovar-se constantemente, com uma rapidez que também não deixa de ser espantosa. A cada segundo uma alma encarna no mundo corporal e outra dele se evade. Um sexto das crianças morrem no primeiro ano, um quarto antes da idade de 4 anos, um terço aos 14 anos e a metade aos 42 anos. Que lei preside aos nascimentos? Que

lei preside às mortes? É um problema que só a Ciência poderá resolver um dia.

É importante para todo homem que procura a verdade, ver as coisas face a face, tais como são, adquirindo, assim, noções exatas sobre a ordem do Universo. Antes de tudo mais, constatem os fatos, pura e simplesmente; depois nos sirvamos da realidade para tentar penetrar as leis desconhecidas, de que os fatos físicos são a sua realização.

Pois bem! Constatamos, por um lado, que a Terra é um astro do céu, da mesma forma que Júpiter ou Sírius, e que circula no espaço eterno por meio de movimentos que nos dão uma medida do tempo: os anos e os dias – medidas de tempo que esses movimentos criam por si mesmos e que não existe no espaço eterno. Por outro lado, observamos que os seres vivos, particularmente os homens, são formados por uma alma organizadora, que é o princípio imaterial, independente das condições de espaço e de tempo e das propriedades físicas que caracterizam a matéria, e que as existências humanas não são o fim da Criação, mas, antes, dão idéia de passagens, de meios. Por si só, a vida na Terra carece de objetivo. É o que ressalta incontestavelmente da própria organização da vida e da morte neste mundo.

Aliás, a vida terrena nem é um começo, nem um fim. Realiza-se no Universo, ao mesmo tempo que grande número de outros modos de existência, após muitas outras que se deram nos mundos passados, e antes de muitas que se efetuarão nos mundos futuros. A vida *terrestre* não é oposta a uma outra vida *celeste*, como supõem os teólogos que não se apóiam na Natureza. A vida que floresce na superfície do nosso planeta é uma vida celeste, tanto quanto a que resplandece em Mercúrio e Vênus. Estamos atualmente no céu, tão exatamente como se habitássemos a estrela polar ou a nebulosa de Orion.

Assim a Terra, suspensa no espaço pelo fio da atração solidária dos mundos, arrasta em sua superfície as gerações humanas que nascem, brilham por alguns anos e se extinguem. Tudo está em movimento, e a circulação dos seres através do tempo não é menos certa, nem menos rápida, do que sua circulação através do espaço. Este aspecto do Universo nos surpreende, sem dúvida, e nos parece difícil defini-lo com segurança. O aspecto aparente com o qual se contentaram durante tantos séculos era muito mais simples: a Terra, imóvel, era a base do mundo físico e espiritual. A raça adâmica era a única raça humana do Universo; era colocada aqui para viver lentamente, para orar e chorar até o dia em que, sendo decretado o fim do mundo, o Deus corporal, assistido por seus santos e anjos, descesse do empíreo para julgar a Terra e em seguida transformar o Universo em duas grandes secções: o céu e o inferno. Esse sistema, mais teológico do que astrológico, era, repito, muito simples e se baseava nas tradições venerandas de um ensino quinze vezes secular. Quando, pois, neste século dezenove, eu venho dizer: “Em verdade as nossas antigas crenças estão fundadas em aparências enganosas; agora não devemos reconhecer outra filosofia religiosa além da que deriva da Ciência”, podemos não estar prontos para aceitar imediatamente a imensa transformação que resulta dos nossos estudos modernos e querer examinar severamente nossa doutrina antes de se reconhecer como seu discípulo. Mas é precisamente isso que todos desejamos; a liberdade de consciência deve preceder todo julgamento nas almas, e todas as opiniões devem ser livremente, sucessivamente ordenadas conforme as indicações do espírito e do coração.

A Terra é um astro habitado, planando no céu em companhia de miríades de outros astros, habitados como ela. Nossa atual vida terrestre faz parte da vida universal e eterna, dando-se o mesmo com a vida atual dos habitantes dos outros mundos. O espaço é povoado de colônias humanas vivendo, ao mesmo tempo, em globos afastados uns dos outros e ligados entre si por leis, das quais sem dúvida ainda não conhecemos senão as mais patentes.

O esboço geral de nossa fé⁵⁷ na vida eterna compõe-se, portanto, dos seguintes pontos:

1^o – A Terra é um astro do céu;

2^o – Os outros astros são habitados como ela;

3^o – A vida da humanidade terrestre é um departamento da vida universal;

4^o – A existência atual de cada um de nós *é uma fase de sua vida eterna* – eterna no passado como no futuro.

Este simples esboço geral de nossa concepção da vida eterna, embora apoiada na observação e no raciocínio e sendo indestrutível nesses quatro princípios elementares, longe está, entretanto, de não permitir alguma objeção. Ao contrário, podem-se-lhe opor certo número de dificuldades, como já aconteceu, seja pelos partidários das teologias antigas, seja pelos filósofos antiespiritualistas. Eis as principais dificuldades:

Que provas se podem obter de que a nossa existência atual seja uma fase de uma pretensa vida eterna? Se a alma sobrevive ao corpo, como pode existir sem matéria e privada dos sentidos que a poriam em relação com a Natureza? – Se preexiste, de que maneira encarnou em nosso corpo e em que momento? O que é uma alma? em que consiste esse ser? ocupa um lugar? como age sobre a matéria? – Se já vivemos, por que em geral não temos qualquer lembrança? – Como a personalidade de um ser pode existir sem a memória? Nossas lembranças estão em nosso cérebro ou na nossa alma? – Se reencarnamos sucessivamente de

57 Servindo-me da palavra *fé*, não é minha intenção conservar aqui o sentido teológico sob o qual ela é empregada ainda hoje. Falo da fé científica, racional, consequência legítima do estudo filosófico do Universo.

mundo em mundo, quando terminará essa transmigração, e para que serve? etc., etc.

Em vez de afastar as objeções ou parecer desdenhá-las, nosso dever, o dos que buscamos a verdade e não cremos obtê-la senão pelo trabalho, é, ao contrário, de as provocar e não nos deixar iludir, imaginando que nossas crenças já se tenham estabelecido e sejam inatacáveis. A Ciência marcha lentamente, progressivamente, e é sondando a profundidade dos problemas e atacando as questões de frente que aplicaremos a esses estudos filosóficos a severidade e o rigor necessários para assegurar aos nossos argumentos a solidez que lhes convém. A revelação moderna não provém da boca de um Deus encarnado, mas dos esforços da inteligência humana para o conhecimento da verdade.

Num próximo estudo procuraremos saber qual é a natureza da alma, aplicando a este exame, não os silogismos da logomaquia escolástica, pelos quais se perorou durante quinze séculos sem se chegar a nada de sério, mas os processos do método científico experimental, ao qual deve o nosso século toda a sua grandeza. Hoje estabelecemos um primeiro aspecto muito importante do problema natural (e não sobrenatural) da vida eterna: o de saber que nossa vida atual se realiza no céu, que faz parte da série de existências celestes que constituem a vida universal, e que *atualmente estamos no céu de Deus* e na presença do Espírito eterno, tão completamente como se habitássemos um outro astro qualquer do grande arquipélago estrelado.

Que esta certeza física inspire às nossas almas uma simpatia mais direta, mais humana para com os mundos que resplandecem na noite, e que até então olhávamos como se nos fossem estranhos! São as residências de nossas humanidades irmãs, as residências menos distantes! Olhando uma estrela que se eleva no horizonte, estamos na mesma situação de um observador que, de seu balcão, contempla as árvores de uma paisagem distante, ou

que se inclina sobre o parapeito do navio ou do aeróstato para examinar um barco no mar ou uma nuvem na atmosfera; porque a Terra é uma nau celeste que vaga no espaço e olhamos ao seu redor quando nossos olhos se voltam para os outros mundos que aparecem e desaparecem seguindo o seu rastro. Sim, esses outros mundos são outras tantas terras análogas à nossa, baloiçando na amplidão sob os raios do mesmo Sol, e todas essas estrelas cintilantes são sóis ao redor dos quais gravitam planetas habitados. Em tais mundos, como no nosso, há paisagens silenciosas e solitárias. Em sua superfície também se disseminam cidades populosas e ativas. Lá também há poentes de nuvens purpurinas e deslumbrantes auroras mágicas; mares de cantos melancólicos, regatos de doces murmúrios, pequenas flores de tenras corolas, banhando na água limpada suas cabeças perfumadas. Lá também há bosques sombrios, sob os quais reside a inalterável paz da Natureza; lagos, suaves espelhos que parecem sorrir aos céus e montanhas formidáveis, que levantam seus cumes sublimes acima das nuvens carregadas de relâmpago e que, do alto dos ares tranqüilos, olham tudo o que está em baixo. Mas nesses mundos variados há mais desses panoramas inenarráveis, desconhecidos na Terra, esta inimaginável variedade de coisas e de seres que a Natureza desenvolveu em profusão em seu império sem limites. Quem nos revelará o espetáculo da Criação sobre os anéis de Saturno? Quem nos revelará as metamorfoses maravilhosas do mundo dos cometas? Quem nos desvendará os sistemas mágicos dos sóis múltiplos e coloridos, oferecendo aos seus mundos as mais singulares variedades de estações, de dias, de luzes e de calor? Quem nos fará adivinhar a considerável variedade das formas vivas que as forças da Natureza construíram nos outros mundos, com a diversidade peculiar a cada mundo em seu volume, peso, densidade, constituição geológica e química, propriedades físicas de suas diversas substâncias, numa palavra, com a infinita variedade de que a matéria e as forças são susceptíveis? As metamorfoses da mitologia antiga não passam de um sonho, comparadas às obras universais da natureza celeste.

Hoje esboçamos a situação cosmográfica da alma em sua encarnação terrena. Nosso próximo estudo terá como objeto a natureza mesma da alma, resolvendo por si só as objeções resumidas acima. É estudando separadamente os diversos pontos do grande problema que chegaremos à solução esperada há tantos séculos.

Revista da Imprensa

REENCARNAÇÃO – PREEXISTÊNCIA

(Segundo artigo – Vide a *Revista* de novembro de 1869)

A idéia da reencarnação é tão natural que, não fosse a tirania exercida sobre nós pelo hábito das idéias contrárias que a educação nos impôs desde a infância, nós a aceitaríamos facilmente. “Não é mais surpreendente nascer duas vezes que uma; tudo é ressurreição na Natureza.” Estas palavras que Voltaire (Vide a *Princesa da Babilônia*) põe na boca da fênix, no momento em que renasce das próprias cinzas, não vos parece, em sua simplicidade e em sua enérgica concisão, a expressão mesma da verdade?

Quantos problemas em nosso destino, impossíveis de resolver de maneira satisfatória por outra doutrina e que esta nos dá a solução racional! Quantas obscuridades ela esclarece! Quantas dificuldades afasta!

“Na verdade, diz Montaigne, acho que estou tão longe de Epaminondas que ultrapassaria Plutarco de bom grado; e diria que não há mais distância deste àquele homem, como não há distância de tal homem a tal animal; e que há tantos graus de espíritos quanto o número de braças que existem daqui até o céu.”

De fato, quanta distância entre o hotentote estúpido e o inteligente europeu! entre Dumolard e Sócrates!

Como explicar essa desigualdade no desenvolvimento intelectual e moral, que em certos casos se seria tentado a chamar desigualdade da Natureza, se não se admite entre o espírito inferior e o espírito superior a mesma relação que existe entre a criança e o homem feito, e por vezes entre o homem e o anjo? Se não se admite que o último viveu mais que o primeiro e pôde progredir num maior número de vidas sucessivas?

Dirão que é um efeito da diferença da organização física e da educação? A isto responderíamos que estas causas podem explicar, no máximo, as superioridades aparentes, mas não as reais.

O órgão serve mais ou menos bem à faculdade, mas não a dá; já o demonstramos inúmeras vezes. De tal sorte que um espírito muito desenvolvido, num corpo mal conformado, pode fazer um homem muito ordinário, ao passo que um espírito relativamente menos adiantado, servido por bons órgãos, fará um homem que lhe será em aparência muito superior. Mas essa falsa superioridade, que não considera senão a faculdade de expressão, e não o poder de pensar, iludirá apenas o observador superficial, mas não enganará o espírito penetrante. “Não padece dúvida, diz J. Simon, de que existem espíritos de escol cujo valor sempre ficará desconhecido, por lhes faltar a faculdade de expressão. Vê-se essas almas cheias de idéias, que o vulgo despreza e que passam por inferiores e desprovidas de razão, embora os espíritos penetrantes captem algumas vezes em sua linguagem os traços de uma força incomparável. Pergunta-se, pensando nelas, se não se está na presença de um gênio encantado *sob uma forma que o impede de manifestar-se em sua plenitude e em seu esplendor.*”

Aliás, não é sabido que Sócrates havia recebido da Natureza um corpo cujos impulsos o teriam levado à devassidão, e que o filho de Sofrônico dele fez um sábio, um modelo para os homens, em vez do libertino que a Natureza parecia querer fazer?

Quanto à educação, não temos diariamente sob os olhos a prova de que a sua influência é grande? Não obstante, ela não chega a mudar completamente a natureza do homem, fazendo de um celerado um prêmio Monthyon e de um idiota um Newton.

Quantas pessoas honradas que jamais receberam lições de ninguém! quantas não se viram obrigadas a combater os ensinamentos perniciosos! e quantos velhacos infames foram educados com todos os cuidados imagináveis! Cômmodo não era filho e discípulo de Marco Aurélio? e nos devemos ufanar das lições dos jesuítas, mestres de Voltaire, da independência do pensamento do discípulo, de seu horror pela intolerância e pelo fanatismo religioso, e de seu desprezo pelas superstições?

Quem foi o preceptor do lenhador Lincoln, de seu sucessor, o alfaiate Johnson, e de seu ilustre compatriota, o ferreiro Elihu Burrit, o promotor da sociedade da paz universal?

Não há homens dos quais se pode dizer que se lembram, mais do que aprendem? Mozart, por exemplo, nasce grande músico; Pascal, aos nove anos e sem jamais ter lido um livro de Matemática, chega, sozinho e sem o auxílio de nenhum mestre, até à trigésima segunda proposição de Euclides e inventa a Geometria!

Em 1868 os jornais franceses nos distraíram, segundo um jornal inglês de Medicina – *Quatterly* – com um fenômeno muito estranho. É uma menina cuja história o Dr. Hun deu a conhecer. Até os três anos ela era muda, não conseguindo pronunciar nem mesmo as palavras *papai* e *mamãe*. Depois, de uma hora para outra começou a falar com uma loquacidade extraordinária, mas numa língua desconhecida que não guardava nenhuma relação com o inglês. E o que há de mais surpreendente é que ela se recusa a falar esta última língua, a única, no entanto, que lhe falam, obrigando àqueles com quem vive, seu irmão, por

exemplo, um pouco mais velho que ela, a aprender a sua, na qual se encontram algumas palavras de francês, embora, no dizer dos pais, ninguém jamais as houvesse pronunciado diante dela.

Como explicar esse fato de outro modo a não ser pela lembrança de uma língua que esta criança teria falado numa existência anterior? – É verdade que se pode negar o caso. Mas a menina existe; é um jornal sério, um jornal de Medicina que o relata, e a negação é um meio muito cômodo, ao qual, talvez, se recorra com muita freqüência. Em muitos casos ele é o equivalente do diabo, esse *Deus ex machina*, que chega sempre na hora certa para explicar tudo e dispensar o estudo.

Aliás, há homens que afirmam ter conservado a lembrança de outras existências. Isto é mais surpreendente. A carta do Sr. Ponson do Terrail, de que já falei antes, é uma prova disto. Pode-se dizer também que ele quis fazer uma brincadeira. Mas, o que não poderão dizer?

O poeta Méry afirmava igualmente que se lembrava de ter vivido sucessivamente em Roma, no tempo de Augusto, e na Índia, onde tinha sido sacerdote brâmane. Também teria sido uma brincadeira?

Mas o que não pode ser uma anedota é o fato seguinte, do qual fui testemunha. Eu estava em Pau, na casa de um parente. No mesmo quarto em que estava, achava-se uma das filhas de minha parenta, de dois anos e o filhinho do vizinho, operário encadernador, que não passava de três anos. As crianças brincavam e com elas eu não me ocupava quanto, de repente, minha atenção foi atraída para uma altercação singular que se deu entre eles. O pequenino garantia, irritado e ruborizado contra a menina, que se recusava a nele crer, que se lembrava de ter sido soldado e haver sido morto. Dava detalhes e citava os lugares. Achei que devia intervir. Perguntei-lhe quem era seu pai na época a que se referia.

Respondeu que então seu pai não era seu pai: ele é que era pai. E como eu insistisse que me explicasse por que, tendo sido morto, estava vivo novamente, e pequeno, depois de ter sido grande, respondeu: “Nada sei quanto a isto; fui soldado e me mataram; eu era grande e agora sou pequeno. Foi Deus quem o quis.” E batia com o pé, enraivecido, porque nos recusávamos a crer em suas palavras.

No dia seguinte eu quis retomar com ele a mesma conversa. Olhou-me com ar espantado e nada compreendeu, como se eu lhe tivesse falado grego.

Como supor que uma criança dessa idade quisesse se divertir sobre um tal assunto? Não é mais razoável pensar que o véu que nos oculta o passado se tivesse erguido por alguns instantes para ela?

A lembrança de existências passadas, embora muito rara, o é menos do que se pensa; a História nos fornece vários exemplos, e não é impossível que, como eu, algum de meus leitores já tenham tido ocasião de o constatar.

Pergunto, agora, depois de todas essas considerações e de todos esses fatos reunidos, aos quais poderíamos agregar muitos outros, se eles não são a consequência legítima e irresistível da realidade da reencarnação, e que não é surpreendente que em todas as épocas da História tenha havido espíritos elevados que nela acreditavam?

Além disso, quando se reflete seriamente, a gente se convence não apenas que esta crença é verdadeira, mas que é impossível que não seja de outro modo.

Se é falsa, como compreender a justiça de Deus? Reconhecemos o absurdo das penas eternas; mas, mesmo com penas e recompensas temporárias, para que pudessem ser aplicadas

com precisão não seria preciso – já que não há uma só prova sofrida por todos nas mesmas condições de duração, com os mesmos obstáculos a vencer e dificuldades a superar – que cada um entrasse na liça armado com as mesmas faculdades e carregando o mesmo peso? – Pois bem, todos sabemos que não é assim. Precisamos demonstrá-lo?

Assim, o único meio de sair da dificuldade é reconhecer a veracidade desta idéia tão natural e tão justa, a de que as provas são múltiplas; que aqueles que vemos entrar na liça com maiores faculdades são velhos lutadores que as adquiriram mediante esforços anteriores, enquanto os que nela entram com faculdades menores são debutantes que não têm o direito de invejar as riquezas de seus irmãos mais velhos, já que só depende deles a sua aquisição, desde que sigam seu exemplo.

Quanto às várias posições sociais, não passam de provas diversas às quais o espírito é submetido, conforme a necessidade, e pelas quais passamos alternadamente, ora como pobres, ora como ricos, ora poderosos, ora fracos, ora senhores, ora escravos, ora dotados de uma organização física que, deixando às nossas faculdades todo o seu impulso, nos permite representar um papel brilhante na cena do mundo; ou, ao contrário, estrangidos por órgãos rebeldes e condenados a uma impotência e a uma inferioridade tanto mais penosa quanto podemos, algumas vezes, ter o sentimento de nossa real superioridade.

Aliás, o céu não pode ser um lugar fechado, que Deus nos abre ou nos fecha ao seu bel-prazer; não podemos concebê-lo senão como um estado superior da alma, que depende de nós atingir, aos nos purificarmos de nossas máculas, chegando a esse patamar intelectual e moral que está acima da natureza humana e que designamos sob o nome de natureza angélica.

Sim, nós somos, para me servir de uma expressão de Dante, a lagarta destinada a formar a angélica borboleta em seu vôo para a justiça, sem que nada lhe possa opor obstáculos!

Todavia, se quisermos refletir nos esforços que isto exige, não direi o aniquilamento, mas apenas a diminuição do menor dos nossos defeitos, e o crescimento, não a aquisição da menor de nossas qualidades, poderemos compreender quantas existências são necessárias para preencher a distância que separa o hotentote, espírito talvez no começo da Humanidade, de Sócrates, anjo sem dúvida descido dos céus para nos servir de modelo e guia.

O esforço, eis a lei, é a condição indispensável do progresso do Espírito; e, nas fases inferiores de sua existência, esse esforço necessário não poderia produzir-se sem as reencarnações. Demonstrá-lo-ei no artigo seguinte, ao tratar da natureza das penas e recompensas futuras.

Esperando, creio poder fechar este artigo dizendo que a única coisa que nos deve preocupar nesta Terra, desde que ela é lugar de prova, é tirar o melhor partido possível da posição que ela está, na qual nos colocou aquele que, melhor que nós, conhece o de que precisamos e não pode ter preferências por nenhum de nós. “Lembra-te, diz o escravo Epicteto, de desempenhar com cuidado o papel que o soberano senhor impôs: breve, se for breve, longo, se for longo. Se ele te deu a personalidade de um mendigo, trata de bem desincumbi-lo; sede manco, príncipe ou plebeu, se ele o quis. Teu negócio é representar bem o teu papel, e o dele de o escolher.”

Victor Tournier

Sessão Anual Comemorativa do dia dos Mortos

COMEMORAÇÃO ESPECIAL DO SR. ALLAN KARDEC

Como nos anos anteriores, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos reuniu-se especialmente em 1^o de novembro, com vistas a oferecer uma piedosa lembrança aos seus colegas falecidos.

Nessa ocasião foi feita a leitura: 1^o do discurso de abertura pronunciado pelo Sr. Allan Kardec na sessão de 1^o de novembro de 1868, intitulado: *O Espiritismo é uma religião?*; 2^o de uma comunicação espontânea ditada pelo Sr. Dozon sobre a solenidade do dia de Todos os Santos, em 1865, e que é lida anualmente na sessão comemorativa; 3^o de uma notável comunicação sobre o *temor da morte*, assinada por Guillaumin e recebida pelo Sr. Leymarie. (Vide a *Revista* de dezembro de 1868.)

Depois de ter invocado as bênçãos de Deus sobre a assembléia e agradecido ao nosso presidente espiritual, São Luís, o seu concurso habitual, a Sociedade julgou por bem prestar, por meio de uma comemoração especial, um particular testemunho de reconhecimento à memória do Sr. Allan Kardec.

Fazendo-se intérprete dos sentimentos gerais, um dos membros do comitê pronunciou a seguinte alocução:

“Senhoras e Senhores,

“Nesta seção especialmente consagrada a dar marcas do nosso reconhecimento aos Espíritos que houveram por bem prestar-nos o seu concurso, e a honrar a memória dos nossos colegas falecidos e de todos os que, por seus trabalhos, se tornaram dignos da admiração dos homens, devemos um testemunho particular de simpatia e de veneração ao homem honrado por excelência, cujos trabalhos conquistaram celebridade universal, ao eminente Espírito que, no mundo do espaço como na Terra, consagrou seu tempo e suas faculdades à obra bendita de moralização e regeneração da Humanidade.

“Todos conhecestes o pensador laborioso cujo nome está em todos os lábios, o filósofo convicto e consciencioso

cujos ensinamentos encontraram eco em todos os verdadeiros amigos do progresso: Allan Kardec, o imortal autor de *O Livro dos Espíritos*.⁵⁸

“Depois de ter dedicado sua vida à coordenação metódica da Doutrina Espírita, em consolar os aflitos, em tranquilizar os Espíritos roídos pela dúvida da incredulidade, substituindo a incerteza e a negação concernente ao futuro da alma por uma crença racional, fundada sobre as próprias leis da Natureza, foi colher na erraticidade a merecida recompensa, a sanção da missão cumprida e reunir os elementos necessários para contribuir ainda, como Espírito, para fazer da Humanidade um só povo de irmãos, marchando solidariamente para a conquista do futuro.

“Homem, soube fazer-se apreciado e amado não só pelos que o conheciam pessoalmente, mas ainda por seus numerosos correspondentes, enfim por todos que encontraram em suas obras a consagração de suas mais legítimas aspirações.

“Sem se preocupar com as críticas dos que, por orgulho ou por preconceito, recusavam-se a compreender a nossa insaciável avidez de conhecimento, voltava mais para o alto as suas contemplanções. Os obstáculos que teve de superar, as decepções diante das quais se deixaram abater tantos pensadores sérios não o

58 **N. do T.:** Embora Allan Kardec repetisse que o mérito da obra cabia aos Espíritos que a ditaram, podemos e devemos considerá-lo como co-autor de *O Livro dos Espíritos*. A ele foi reservada a tarefa de organizar e ordenar as perguntas sobre os mais variados assuntos, abrangendo todos os ramos do conhecimento e do interesse humanos; a distribuição didática das matérias encerradas no texto; a redação dos comentários às respostas dos Espíritos; a precisão com que intitula capítulos e subcapítulos; as observações, anotações e paráfrases, bem assim a redação integral da “Introdução” e da “Conclusão” do livro, verdadeiras obras-primas de lógica, concisão e erudição, mais as questões de nºs 59 (*Considerações e concordâncias bíblicas concernentes à Criação*); 100 a 113 (*Escala Espírita*); 222 (*Considerações sobre a pluralidade das existências*); 257 (*Ensaio teórico das sensações nos Espíritos*); 455 (*Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista*); e 872 (*Resumo teórico do móvel das ações humanas*).

atingiam. Ante a grandeza do objetivo, ele esquecia todas as dificuldades do caminho.

“Espírito, não tardou a nos dar novas provas de seu zelo e devotamento infatigáveis. Em todos os centros, em todos os países, foi sancionar, através de comunicações de incontestável elevação, a verdade dos ensinamentos que em vida popularizou. Espírito conciliador e persuasivo, ensina a todos a tolerância e a solidariedade. Mais que nunca convencido de que o interesse pessoal deve apagar-se diante do interesse geral, continua seu apostolado sob uma nova forma, indo a todos os lugares, encorajando uns, instruindo outros e dando a todos provas irrecusáveis de sua afeição e devotamento.

“Em todas as épocas de transição, Espíritos superiores, profetas, messias, missionários do progresso aparecem na Humanidade para tornar populares as crenças aceitas por um pequeno número. Tais foram, na Antiguidade, Sócrates, Platão, Moisés, o Cristo e todos os grandes gênios que se immortalizaram por suas ações e, mais recentemente, João Huss, Galileu, Newton, Leibnitz e tantos outros, cujos trabalhos constituem objeto de legítima admiração.

“Tal ele já o é para nós, que o conhecemos, e tal será para as gerações futuras, quando as crenças espíritas forem adotadas, o Espírito daquele cuja memória hoje estamos reverenciando.

“Caro e venerado mestre, estais aqui presente, conquanto invisível para nós. Desde a vossa partida tendes sido para todos um protetor a mais, uma luz segura, e as falanges do espaço foram acrescidas de um trabalhador infatigável. Como na Terra, e sem chocar ninguém, sabeis dar a cada um os conselhos convenientes, moderais o zelo prematuro dos ardentes, secundais os sinceros e os desinteressados, estimulais os tíbios; vedes hoje e

sabeis tudo quanto préveis pouco tempo atrás. Vós, que não estais mais sujeito às incertezas, sede nosso guia e nossa luz e, por vossos conselhos, sob vossa influência, avançaremos a passos certos para os tempos felizes prometidos à Humanidade regenerada.”

Depois das preces habituais (Vide a *Revista Espírita* de novembro de 1865), foi obtido um certo número de comunicações pelos médiuns presentes. Como a falta de espaço não nos permite reproduzi-las todas, limitar-nos-emos à publicação das duas seguintes, que nos pareceram dever interessar mais particularmente aos nossos leitores:

A FESTA DO DIA DOS MORTOS NÃO É NOS CEMITÉRIOS

Hoje é dia de festa nos asilos consagrados ao repouso dos mortos. A multidão se apressa, os trajes brilham; percorrem-se os campos fúnebres a passos lentos, e parece que esta afluência deveria encher de alegria as almas dos que não pertencem mais ao número dos encarnados! Entretanto, quão pouco numerosos são os Espíritos que do espaço vêm reunir-se aos seus antigos amigos da Terra! Os humanos são inumeráveis, quase alegres ou no mínimo indiferentes; um zumbido imenso se eleva acima da multidão. Mas, de que se ocupa toda essa gente? que sentimento as reúne? Pensam nos mortos? Sim, pois que vieram! Mas o pensamento salutar bem depressa se eclipsou; e se alguns nomes inscritos sobre as lápides tumulares provocam as exclamações do transeunte indiferente, ele lança no éter com a fumaça de seu charuto algumas reflexões banais, alguma gargalhada sem eco!...

Nessa balbúrdia nascem todos os pensamentos, todos os sentimentos, todas as aspirações, exceto o recolhimento, o sentimento religioso, a aspiração à comunhão íntima com os que partiram. Muitos curiosos, mas bem poucos possuem a religião da lembrança!... Por isso, os mortos que não se sentem chamados estão por toda parte, menos nos cemitérios, e a maioria dos que

planam no espaço ou circulam nas estreitas aléias, estão fatalmente chumbados pelas paixões terrestres aos despojos mortais que outrora tanto amaram.

Risos, discursos inúteis entre os vivos; gritos de dor e de raiva na maior parte dos mortos; um espetáculo sem interesse para todos, uma visita formal para alguns, hábito para a maioria, eis o quadro que apresentam os cemitérios parisienses no dia dos mortos!...

E, contudo, há festa na Terra e no espaço; festa para os Espíritos que, havendo cumprido a missão que aceitaram, expiado o mal de outra existência, voltaram ao mundo da vida real e normal com alguns florões a mais. É festa para os santos que a Humanidade inteira consagrou, não por uma abnegação sem utilidade e um isolamento egoísta, mas pelo devotamento a todos, por seus trabalhos fecundos, por seus ensinamentos perseverantes, por sua luta incessante contra o mal, pelo triunfo do bem. Para estes há festa no espaço, como há festa na Terra para todos os que, esclarecidos pelas grandes leis que regem os universos, clamam em seu foro íntimo pela visita dos que tanto amaram e que não estão perdidos para eles. Há festas para os espíritas que crêem e praticam. Há festa para os Espíritos que instruem e que continuam no espaço a obra de regeneração começada neste mundo!...

Ó, meus amigos, no campo dos mortos, nestes dias consagrados pelo uso, tudo é do domínio da morte em seu sentido mais restrito!... A vestimenta abandonada pelo Espírito não existe mais e não há crença alguma no coração dos visitantes; são mortos que só têm da vida as aparências terrestres, pois a vida real, a grande vida da alma ainda é desconhecida para o maior número.

Nós vivemos, nós que pensamos, que progredimos, que trabalhamos juntamente para estabelecer a base dos progressos futuros; e eles morrem, ou, melhor, vão morrer no passado para

nascer no futuro, graças ao Espiritismo, que traz em seu seio a fonte fecunda de toda perfeição.

A morte não existe; a desagregação que leva este nome restitui à terra os elementos que o corpo material aí hauriu; mas a alma em que reside a vida, a alma que é o ser integral, edifício incessantemente aperfeiçoado pela provação humana, emerge no limiar da morte para a vida real e sem fim da erraticidade!...

Moki

COMUNHÃO DE PENSAMENTOS

(Médium: Sr. Leymarie)

Raramente me é concedida a satisfação de vir entre vós, senhores espíritas. Até pouco tempo atrás eu não era dos vossos; hoje, sou um adepto completo, com o que me congratulo. Alguns pontos apenas nos separavam; para mim, os nossos ancestrais célticos acreditavam na imortalidade da alma e a reencarnação lhes parecia a lei das leis. Filho de gauleses, tendo vivido como gaulês nos últimos dias da Idade Média, venho afirmar a doutrina preconizada hoje; ela foi, ela é a grandeza do mestre Allan Kardec; seu espírito judicioso, lacônico provou-lhe a realidade. Ele está entre nós, lendo em vosso espírito o pensamento profundo, inapercebido; e, posso repetir com orgulho, comungo com ele pelo pensamento.

Comunhão de pensamentos! Como é profunda esta idéia! que radicalismo na filosofia liberal e renovadora de nossa sociedade atormentada, entristecida, mortificada pelas dissidências, pelas fronteiras materiais, fictícias, que os interesses levantaram entre todos os povos! Não nego o caráter peculiar a cada país; como Henri Martin, meu honrado amigo, tão prudente, tão lógico, reconheço o gênio particular inerente a cada população, separada das outras por montanhas, rios, florestas imensas; por esse dom

excepcional da Providência, que introduzia no espírito geral de cada povo esse instinto original que devia, pela sucessão dos séculos, trazer um código regenerador à Humanidade, código de justiça, criando harmonia na difusão pela divergência das cores; e esse tempo chegou, em que as fronteiras materiais se abaixam e as unidades fluídicas parecem seguir o vapor e a eletricidade!

Montanhas, abismos, mares: não existis mais!... A alma de Deus se universaliza, assim como o pensamento através dos espaços se traduz instantaneamente. As Américas sentem as pulsações do pulso europeu, e o progresso, lei divina! reúne os mais opostos sistemas. Trabalho, indústria, ciência, mecânica, filosofia estão no auge e todos os vossos caros condiscípulos da erraticidade bendizem os promotores do progresso humano, esses gênios desaparecidos corporalmente, mas que presidem a todas as fases humanitárias; e é sobretudo neste momento que o mestre lamenta sua partida. Há divergência, separação, luta entre o futuro que surge e o passado que desaparece; mas ele sabe que o objetivo é a lei e sua brandura é adoçada pensando que o tempo, esse curador infatigável, sabe usar todas as asperezas; ele sabe, o vosso morto venerado, muito mais vivo do que nunca, que a luz sairá das discussões animadas e que a justiça reunirá todos os homens em feixes, diante dessa desagregação do mundo antigo, que leva as consciências à dúvida, ao horror do desconhecido. Ele sabe, o mestre, que os mortos vão depressa e, repito, comungo o seu pensamento!

Instituições, formas, crenças antiquadas, tudo morre e tudo se regenera! As camadas terrenas são revolvidas para se inocular esse vírus benfazejo que se chama leitura, saber, ciência, julgamento, e todos os desaparecidos vão bater sem cessar em todas as consciências, para as despertar e levantar a tampa de chumbo que as cobria.

Comunhão de pensamentos! última palavra de meus trabalhos de cidadão, torna-se, assim, valor intrínseco, jóia nacional; inspira meu país, todos os países unidos com os seus princípios; cria o bem-querer, a justiça, a concórdia, o amor; faz que em vez de palavras vãs haja devotamento e o Mestre, satisfeito, verá, pela vontade de todos que amam a calma, a verdade e a Doutrina Espírita, irradiar-se o espírito de solidariedade, chamando a família eterna dos mortos e dos vivos a concorrerem para a edificação futura da crença na vida da erraticidade, à qual convidamos os nossos irmãos presentes e ausentes!

Sede espíritas tanto por vossos atos, quanto por vossas palavras! Uni-vos, recolhei-vos, todos vós que vos aproximais da tumba; porque, cabelos louros, cabelos brancos, sentis a vida eterna, esta surpresa do dia seguinte, surpresa da morte, radiante de vida!...

Jean Reynaud

Dissertações Espíritas

A SOLIDARIEDADE UNIVERSAL

(Sociedade Espírita de Paris, 29 de outubro de 1869)

As questões da origem do homem e do futuro da Humanidade têm uma importância capital, pois de sua solução depende uma das fases principais da moral e das leis que determinam as relações dos homens entre si, e as da Humanidade com a animalidade.

Quando todas as criações eram referidas à Humanidade, quando o Universo e todos os seus esplendores eram feitos apenas para deleitar seus olhos, o homem, esta criação superior, esse rei absoluto da natureza animada e inanimada, existia

sobretudo para o orgulho e para o egoísmo; era o conjunto de todas as perfeições criadas! Deus reunira nele todas as faculdades e nada havia feito senão para ele.

Mas o progresso marcha; a Ciência aplica sua lupa de aumento sobre todas as leis; faz aparecerem uma a uma todas as nossas torpezas e mina todas as nossas ilusões. Não foi para o prazer dos nossos olhos que esses orbes de ouro foram criados; leis imutáveis e universais os regem como nos regem; têm uma vida à parte, uma existência própria e seres tão ou mais adiantados que a Humanidade aí prosseguem sua marcha incessante através do infinito, para a conquista do progresso! O orgulho e o egoísmo universais do homem se acham reduzidos às proporções terrenas; o homem não é mais o senhor do Universo, tendo apenas Deus como superior; é uma parte da criação superior, mas não é toda essa criação e deve reconhecer que se ele tem inferiores, é bastante imperfeito por ter superiores que o distanciam na rota da perfeição!...

Ah! seria ele obrigado a restringir ainda mais o seu império?... Em vez de ser um dominador terreno com direitos assegurados, não seria mais que um novo-rico? Nasceria nesse caos obscuro que se agita a seus pés? As inteligências que o cercam e que se elevam a uma altura notável nos seres submetidos à sua dominação, poderiam um dia igualar a sua? Não é mais que um animal humano, e o animal seria um homem futuro? Que perspectiva penosa para os desdenhosos e seus espíritos limitados! mas que novas fontes de gozos intelectuais! que clarão imenso, permitindo entrever mais o incriado, pelos Espíritos progressistas por excelência!...

Essas criaturas inferiores, até aqui consideradas como produtos informes da Divindade ensaiando-se para a Criação, não seriam mais que modos sucessivos de um mesmo ser?... Nenhum

seria privado do benefício de seus atos?... Este animal que sofre, que sente, que ama, que percebe e se manifesta, poderia, como o próprio homem, fazer o seu futuro pelos próprios atos? ser instrumento de sua felicidade futura? Que há de revoltante em tal concepção? E não insultaríeis a Deus, vós que considerais uma abjeção que a Humanidade tire sua origem da animalidade? Em que a animalidade, criada pela mesma potência, seria menos nobre que a Humanidade?

Desde que *a terra gira* a moral perdeu a aparência de um anão para tomar o corpo de um gigante.

Continuai vossas pesquisas; estudai, meditai incessantemente e descobrireis que a Humanidade é apenas um elo da imensa cadeia que, do infinitamente pequeno (o átomo) conduz ao infinitamente grande (Deus), e a moral não terá limites, como aquele que a decretou.

Channing

Bibliografia

A MULHER E A FILOSOFIA ESPÍRITA

Influência das crenças filosóficas sobre a situação da mulher na Antiguidade, na Idade Média e em nossos dias

(1 vol. in-12. Preço: 2 fr. 50. Livraria Espírita, 7, rue de Lille)

Esta obra, que será posta à venda na *Livraria Espírita* no próximo dia 10 de dezembro, vem confirmar novamente as previsões dos Espíritos no que concerne ao progresso de nossa filosofia e à aplicação prática de seus princípios. Com efeito, ainda há pouco tempo eles nos anunciavam que se preparavam várias obras sérias sobre a filosofia do Espiritismo, nas quais o nome da Doutrina seria altivamente confessado e proclamado.

Tratando especialmente a interessantíssima questão do futuro da mulher, o livro do Sr. H. V. é caracterizado por uma demonstração rigorosa de todos os princípios da Doutrina, nos quais os próprios adeptos encontram novos pontos de vista. Nesse arrazoado em favor da mulher, reconhece-se ao mesmo tempo a argumentação atraente e rigorosa do pensador erudito que quer reduzir a réplica aos seus últimos limites. Certamente o autor estudou a questão com seriedade e a perscrutou em seus mais minuciosos detalhes. Não se limita a emitir a sua opinião; ele a motiva e dá a razão de ser de cada coisa.

A obra do Sr. H. V. marcará nos anais do Espiritismo não só como a primeira do seu gênero, mas, sobretudo, por sua importância filosófica.

Lamentamos que a abundância de matérias não nos permita reproduzir tantas passagens quanto desejaríamos. Limitar-nos-emos às seguintes citações, suficientes para termos uma idéia da obra e apreciarmos o seu valor:

“*Sy Tayeb* – Meu amigo, prometeste escutar tudo o que me proponho dizer-te sobre a questão das mulheres. Há muito tempo não cesso de repetir que os nossos correligionários se comportam, em relação às suas companheiras, como verdadeiros carrascos, razão por que consagro todas as minhas faculdades em solicitar uma reforma.

“*Sy Ahmed* – Sim, eu o sei; mas tuas opiniões me assustam. Esqueces muito o nosso livro sagrado, o Alcorão. Como podes faltar assim ao respeito que deves às palavras do nosso profeta, inspiradas por Deus?

“*Sy Tayeb* – Eu te disse, a respeito, que é preciso levar em conta circunstâncias de tempos e lugares. Na época em que vivia, o nosso profeta Maomé vivia em meio a populações nas quais as mulheres eram tidas em grande desprezo, haja vista o que se lê

no Alcorão; mas esses ensinamentos, longe de autorizar novas usurpações sobre as liberdades da mulher, restringem os abusos que havia e procuram dar algumas garantias ao sexo oprimido; contudo, não estamos mais no começo da era muçulmana.

“*Sy Ahmed* – Não sei o que se passa entre os outros povos, mas observa um pouco as mulheres dos nossos árabes da planície e mesmo as dos muçulmanos da cidade e diz-me o que aconteceria se amanhã elas fossem livres como as francesas?

“*Sy Tayeb* – Certamente haveria excentricidades, mas, talvez, nem tanto quanto possas crer; e, depois, elas logo cessariam se os maridos se comportassem à altura de sua missão, fazendo-se os educadores de suas mulheres e de seus filhos.

“Não sabes que certo número de jovens muçulmanas, e que por certo não saíram de nossas melhores famílias, uniram-se a cristãos, alguns dos quais ocupam posições elevadas? Tais mulheres não adotaram os costumes franceses, a ponto de serem tomadas, pelos que não as conhecem, por filhas da França? O que algumas fizeram, todas podem fazer.

“Aliás, eu te peço, segue com atenção o que vou expor-te.

“Os seres humanos compõem-se de uma alma ou Espírito e de um corpo.

“O Espírito é imortal; também é imaterial, pelo menos para os nossos sentidos. O corpo é material e perecível, ou, melhor, se desagrega em certo momento e suas moléculas vão combinar-se com outros elementos materiais.

“Os Espíritos não têm sexo. Encarnam indistintamente em corpos de homem ou de mulher, como o fazem em corpos de qualquer raça. É o que resulta do ensino dos próprios Espíritos, que podem ser consultados a todo instante. Aliás, a observação e a reflexão nos levam facilmente a reconhecê-lo.

“Como se manifestam as qualidades da alma? pelas faculdades morais e intelectuais. Ora, em todos os tempos, em todos os lugares não se tem constatado que as mulheres podem ter tanto valor moral quanto os homens de seu meio social e, no que respeita à inteligência, algumas dentre elas não poderiam ser comparadas aos homens mais bem favorecidos? Neste último caso, que importa o número, se varia conforme as circunstâncias sociais da educação ou o gênero de vida imposto às mulheres? Basta que algumas delas tenham mostrado um poder de intelecto igual ao encontrado nos homens para que se possa concluir que não há Espíritos de homens e Espíritos de mulheres, estes últimos forçosamente inferiores aos primeiros...

“...A filosofia egípcia também dava à mulher um lugar honroso ao lado de seu companheiro de existência. Podemos julgá-lo pela população que ela importou em seu território, que a tornou a *Hélade*, a *Grécia*. Aí, desde os tempos ditos heróicos, vemos as mulheres decidindo a paz ou a guerra e inspirando empresas longínquas; numa palavra, exercendo a mais completa autoridade. Além disso, o poder de sedução de algumas delas é tal que são tratadas de mágicas. O rapto de uma princesa é suficiente para determinar uma ação militar geral e provocar o acontecimento mais importante de toda a primeira parte da história grega. Por outro lado, a religião desse povo, o conjunto de seus mitos, muitas vezes tão cheio de encanto, fazem-nos compreender bem depressa o que era a mulher entre os gregos; porque se sabe que estes não procuraram, em suas criações religiosas, senão poetizar e mesmo divinizar o que se passava no seio de sua própria sociedade.

“O Olimpo, a morada dos deuses, apresenta tantas deusas quanto divindades masculinas, e essas deusas exercem papéis tão importantes quanto o dos deuses seus próximos. Se Júpiter Trovão faz tremer o Universo com um franzir de cenho, sua esposa, a orgulhosa Juno, também sabia comandar, e quando avança majestosamente em meio à assembléia dos deuses, todos

reconhecem nela sua verdadeira soberana. Se Vênus, desatando sua correia, inclina-se diante do chefe supremo e o implora, não consegue o que quer com o aplauso de todos? A sabedoria, fato muito significativo, não é personificada numa deusa, Minerva? E esta filha de Júpiter não é considerada no Olimpo exatamente como o são entre nós os pensadores que fazem progredir a Humanidade?

“Enfim, as divindades que representavam as ciências e as artes eram as nove Musas, jovens virgens, filhas de Júpiter.

“Em todos os mitos, em todas as cenas da vida fictícia dos seres divinos, criados pela imaginação grega, vemos a mulher intervir e, em muitas circunstâncias, afirmar sua intervenção, se não mais, ao menos tão energicamente quanto o deus, o semideus ou o herói. É fácil constatar, por essas fábulas encantadoras, que tinham por objetivo personificar as forças da Natureza em seres extra-humanos, a parte que cabe à mulher é, muitas vezes, mais importante que a atribuída ao homem. As fontes, os vegetais, os diversos elementos que constituem o nosso globo são confiados à direção de criaturas extraterrestres, entre as quais se reconhece mais freqüentemente as do sexo feminino...

“De acordo com o que acabamos de dizer, censura-se nas comunicações espíritas o fato de serem, em geral, insignificantes, monótonas, banais. Diremos os motivos dessa objeção, verificando, primeiro, se as relações com o mundo invisível não satisfazem a um grande número de pessoas.

“As comunicações com os seres pelos quais tínhamos grande simpatia e que deixaram a Terra são sempre muito interessantes para os que as recebem, conquanto sem interesse para o público; são como essas cartas íntimas, que só encantam as pessoas a quem se dirigem. Essas comunicações espíritas, cuja origem quase sempre é afirmada por certas confidências, são uma

fonte inesgotável de consolações; certificam a perpetuidade da alma individual e consciente, fazendo da morte uma simples ausência. Não tivessem as relações com os Espíritos levado senão a esse resultado, o benefício já seria tão grande que aí devemos ver um novo testemunho da bondade de Deus e agradecer a ele por isto.

“Também se pretende que os Espíritos muitas vezes falam de seus trabalhos, mas são incapazes de indicar de modo sumário em que consistem! Entretanto, se admitirmos que eles concorrem para a formação dos corpos celestes e que são encarregados de cumprir as leis de Deus em relação a tudo quanto respeita aos elementos primitivos materiais ou fluídicos que nos cercam; que intervêm nos atos da nossa vida diária; que vivem, estudam, progridem por todos os meios que conhecemos e pelos que nos são desconhecidos, podemos afirmar com certeza que os trabalhos dos desencarnados são no mínimo tão numerosos quanto o dos homens mais laboriosos.

“Mas os Espíritos não explicam os processos empregados. Pretendem invariavelmente que não os compreenderíamos.

“É fácil nos darmos conta desse fato mediante a seguinte comparação, à qual poderíamos ter recorrido com proveito toda vez que nos queixássemos de não ter, por parte do mundo invisível, explicações suficientes:

“Imaginemos que temos um meio qualquer de correspondência com os selvagens mais atrasados da Oceania e que queiramos responder às suas perguntas. Esses selvagens não conhecem outra ocupação além da caça, da pesca e da antropofagia! Que diríamos a eles se nos perguntassem como passamos o nosso tempo? Como lhes fariamos compreender que, entre nós, uns fazem comércio, indústria, e outros se ocupam de

administração, de artes, de ciências, de estudos literários e filosóficos, etc.? Que termos poderíamos empregar que estivessem ao alcance dos habitantes da Oceania? Haveria completa impossibilidade; seríamos reduzidos a lhes comunicar de maneira geral que temos muito a fazer, sem lhes poder explicar. Mais tarde, porém eles farão como nós, quando tiverem modificado seu estado de sociedade. Os selvagens não estariam muito satisfeitos com as nossas explicações; mas seria legítimo pô-las em dúvida? Dá-se o mesmo entre nós e os Espíritos!...

H. V.

CONTEMPLAÇÕES CIENTÍFICAS

(Por C. Flammarion – 1 vol. in-12. Preço: 3 fr. 50.)

Sob esse título, a Livraria Hachette publicará uma nova obra do jovem e eminente autor da *Pluralidade dos Mundos Habitados*, das *Maravilhas Celestes*, etc. etc.

As *Contemplações Científicas*, como indica o seu título, aliam à rigorosa argumentação do sábio, a profundidade de concepção e elevação do pensamento do filósofo espiritualista. Perlustrando essas páginas eloqüentes e poéticas os espíritas encontrarão muito material para colher.

Depois de ter afirmado e demonstrado a pluralidade e a solidariedades dos mundos habitados, o Sr. C. Flammarion, na primeira parte de sua nova obra, dá-nos a conhecer os nossos inferiores na Terra, desde o infinitamente pequeno, visível apenas ao microscópio, desde a planta rudimentar e o inseto, até os animais superiores que precedem imediatamente o homem na escala da Criação. A segunda parte do livro é consagrada à aplicação industrial das descobertas científicas modernas. Premidos pelo espaço, não o acompanharemos nesta ordem de idéias; mas não podemos resistir ao desejo de dar a conhecer a sua opinião sobre a

questão, na ordem do dia, do progresso infinito de tudo o que existe e do futuro da animalidade.

O Sr. Flammarion teve a gentileza de nos entregar algumas provas desta nova e interessante publicação e estamos certos de que os nossos leitores ficarão satisfeitos em lhes assinalar as seguintes passagens:

O MUNDO DAS PLANTAS

“A vida não é representada na Terra apenas pelos seres animados que marcham na superfície do globo, voam nos ares ou nadam nas profundezas do oceano. Compondo um mesmo conjunto, os animais formam os degraus da pirâmide sobre a qual se assenta o homem, esse compêndio superior da série zoológica; estão ligados entre si pelos mesmos caracteres: o movimento, a respiração, a alimentação, os atos da vida animal, o instinto e mesmo o pensamento para um grande número deles. Estão ligados ao homem pelas leis gerais da organização e sentimos que pertencem ao mesmo sistema de existência ao qual pertencemos. Mas há na Terra uma outra vida, bem diferente da precedente, embora seja a sua base primitiva e o elemento fundamental, uma outra vida distinta da nossa, que se perpetua paralelamente à vida animal e parece confinar-se numa espécie de isolamento em meio ao resto do mundo. É a vida das *plantas*, desses seres misteriosos que *nos precederam* na Criação e que, por muito tempo, reinaram soberanamente nos continentes sobre os quais estabelecemos mais tarde o nosso império; verdadeiras raízes de nossa própria existência, pelas quais sugamos a seiva nutritiva da terra; fontes de vida incessantemente renovadas que se irradiam na Natureza; criações que constituem um reino intermediário entre o mineral e o animal, e cujo valor e real beleza não sabemos apreciar...

“...É que existe nessa lei que preside à vida, à morte, à ressurreição das plantas um caráter de grandeza, de providência e

de afeição, que o pensamento humano pressente sem poder captá-lo; é que há nesses seres misteriosos que se chamam *plantas* um gênero de vida latente e oculto que espanta e enche de estranha surpresa o espírito observador...

“As plantas, os animais, diz um poeta alemão, são os sonhos da Natureza, dos quais o homem é o despertar. Esse pensamento profundo repercutirá em nossa alma se consentirmos em descer um instante da vida humana, e mesmo da vida animal, para observar a vida vegetal...

“...E não creiais que ela sofra cegamente, como um objeto inerte, as condições de existência que lhe são impostas. Não: ela escolhe, recusa, procura, trabalha...

“...Escutai, por exemplo, esta história:

“Sobre as ruínas de New-Abbey, no condado de Galloway, crescia um arbusto em meio a um velho muro. Ali, longe do solo acima do qual se elevava de alguns pés o bloco de pedras, nosso pobre arbusto morria de fome, fome de Tântalo, já que ao pé do próprio muro árido se estendia a boa e nutritiva terra.

“Que dizer dos surdos tremores do ser vegetal que luta contra a morte, suas torturas silenciosas e seus mudos langores galvanizados pela cobiça? Quem saberá contar aqui em particular o que se passa no organismo do nosso pobre mártir? Que atrações se estabelecerão, que faculdades se aguçarão, que imperiosas leis se revelarão, que virtudes enfim foram criadas?... O nosso arbusto existe sempre, enérgico e aventureiro se o foi, querendo viver a todo custo e, não podendo atrair a terra, marcha, imóvel, acorrentado, para esta terra longínqua, objeto de seus ardentes desejos.

“Marcha? não; mas se estira, se alonga, estende um braço desesperado. Emite uma raiz improvisada pela circunstância,

que é impelida para o ar livre e, reconhecida, se dirige para o solo até atingi-lo... Com que entusiasmo aí se enterra! Doravante a árvore estava salva. Nutrida por esta raiz nova, deslocou-se de um lugar para outro, deixando que morresse as que mergulhavam inutilmente nos escombros; depois, endireitando-se pouco a pouco, deixou as pedras do velho muro e viveu sobre o órgão libertador, que logo se transformou num tronco verdadeiro.

“Que pensais dessa persistência? Não achais que esse instinto se parece muito com o do animal e, ousamos confessar, mesmo com a vontade humana?...”

“Sob essas manifestações de uma vida desconhecida, o filósofo pode abster-se de reconhecer no mundo das plantas um canto do coro universal. É um mundo de uma realidade viva, mais comovente do que se pensa, esse reino vegetal, harmônico, doce e sonhador que, nos degraus inferiores à animalidade, parece sonhar enquanto aguarda a perfeição entrevista. Sem dúvida não se deve cair no excesso de uma escola da antiguidade que, sob autoridade de Empédocles, não hesitando em conceder às plantas faculdades de escol, as havia humanizado e mesmo divinizado. Não; as plantas não são animais, nem homens: uma distância imensa as separa de nós; mas vivem uma existência que não sabemos apreciar e ficaríamos bem admirados se nos fosse permitido entrar um instante nos segredos do mundo vegetal e escutar o que podem dizer em sua língua as pequenas flores e as grandes árvores.”

INTELIGÊNCIA DOS ANIMAIS

“Graus inferiores da série zoológica, dos quais acabamos de ter um aspecto particular em nosso precedente estudo sobre a vida dos insetos, elevam-nos mais e nos põem agora em relação com as manifestações mais altas da vida terrestre.

“A Natureza inteira é construída sobre o mesmo plano e manifesta a expressão permanente da mesma idéia. A grande lei

de unidade e de continuidade se revela não só na forma plástica dos seres, mas ainda na força que os anima, desde o humilde vegetal até o homem mais eminente. Na planta, uma força orgânica agrupa as células conforme o modo de cada espécie, aproximando-se para o tipo ideal do reino. O cedro das montanhas do Líbano, o salgueiro da margem dos rios, as árvores das florestas cerradas e as flores de nossos jardins sonham, adormecidas nos limbos indecisos da vida. Num certo número delas, constata-se movimentos espontâneos e expressões que parecem revelar o aparecimento de algum rudimento de sistema nervoso. Os degraus inferiores do reino animal, que habitam as móveis regiões do oceano – os zoófitos – parecem pertencer, sob certos aspectos, ao mundo das plantas. À medida que se eleva na escala da vida, o *espírito* afirma pouco a pouco uma personalidade mais bem determinada; atinge seu mais elevado desenvolvimento no homem, último elo da imensa corrente sobre a Terra.

“Esta contemplação da vida na Natureza abarca, sob uma mesma concepção, o conjunto dos seres e nos põe em relação com a unidade viva manifestada sob as formas terrestres e siderais. Inspirada e afirmada pelas fecundas descobertas da ciência contemporânea, ela ultrapassa majestosamente as idéias de uma outra idade, que retalhavam a Criação e não deixavam subsistir senão o homem no trono da inteligência. Hoje sabemos que o homem não está isolado no Universo, nem na Terra; está ligado aos outros mundos pelos liames da vida universal e eterna, e à população terrena, pelos laços da organização comum dos habitantes do nosso planeta. Não há mais um abismo intransponível entre o homem e Júpiter, nem entre o homem branco e o homem negro, nem entre o homem e o macaco, o cão ou a planta. Todos os seres são filhos da mesma lei e todos tendem para o mesmo objetivo, a perfeição.

“A reação teológica do século dezessete havia separado rigorosamente o homem de seus irmãos mais velhos na obra

inexplicada da Criação. Descartes representou os animais como simples máquinas vivas. Grandes discussões se levantaram sobre a questão da alma dos animais, e de tempos em tempos encontramos as variadas peças deste imenso arrazoado. Dos numerosos tratados sobre esse assunto, escritos naquela época, citaremos sobretudo o do padre Daniel, discípulo de Descartes, que completa sua viagem à Lua, e o do padre Boujeaut, que toma o partido dos animais... e mesmo encontrando tanto espírito que acaba por nelas ver a encarnação dos mais astutos diabos...

“Os animais são dotados da faculdade de pensar; neles reside uma alma, diferente da nossa (e talvez tão diferente que nenhuma comparação possa ser estabelecida). A faculdade de pensar se revela em graus diversos conforme as espécies, e aí está a grande dificuldade do assunto! Porque, concedendo uma alma ao cão, aos poucos somos levados a concedê-la à ostra; e se a ostra é animada por uma mônada espiritual, mesmo adotando a classificação de Leibnitz, não vemos por que a sensitiva e a rosa dela fossem privadas. Eis, assim, uma série de almas imortais em números incalculáveis, com as quais nos embarçaríamos muito se fôssemos obrigados a dirigir as suas metempsicoses. Felizmente, o misterioso autor da Natureza, ao nos deixar a faculdade de sonhar e de conjecturar, tirou-nos desta dificuldade.

“Este estudo não teria fim se não apresentássemos aqui todos os materiais que temos à mão em favor da alma dos animais superiores. Não podemos senão relegar esses fatos tão numerosos às notas complementares por nós reportadas. Pela amizade e pelo ódio, pelo apego que as diferentes espécies animais estabelecem entre si, somos autorizados a admitir nos animais, faculdades intelectuais análogas às nossas. Esta questão comporta um dos mais curiosos e mais graves problemas da filosofia natural.

“Concluindo, declaramos que Buffon se enganou por não ter ousado dizer, depois de expor as ações racionais do pungo:

“e, contudo, o punga não pensa”, e que o grande Leibnitz se equivocava quando afirmava “que o mais estúpido dos homens é incomparavelmente mais racional e mais dócil que o mais espirituoso dos animais.” O certo é que há no mundo homens grosseiros, brutos, mais maus e menos inteligentes do que certos animais de boa natureza.”

C. Flammarion

Aviso

A *Revista Espírita* começará, no dia 1º de janeiro próximo, o seu décimo terceiro ano. Aos senhores assinantes que não quiserem recebê-la com atraso, pedimos que renovem sua assinatura antes do dia 31 de dezembro.

Errata

Revista Espírita de novembro de 1869, página 337, linha 2: em vez de Paris, 14 de setembro, lede: Paris, 4 de outubro⁵⁹.

Pelo Comitê de Administração
A. Desliens – *Secretário-Gerente*

59 N. do T.: Já procedemos à correção indicada na versão brasileira.



Nota Explicativa⁶⁰

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que*

⁶⁰ **Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

é o *Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo meticoloso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que

toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chegar-se à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáveis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material

da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao

capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder

comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA